



# Boletim do Venerável D. António Barroso

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador  
Propriedade: Associação dos Amigos de D. António Barroso. NIPC 508 401 852  
Administração e Redacção: Rua de Luanda, n.º 480, 3.º Esq. 2775-369 CARCAVELOS  
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com  
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

Ano XII

N.º 35

Janeiro / Março de 2022

## *A causa de D. António Barroso está em boas mãos*



**D. José  
Cordeiro.**

**De Angola  
a Braga**

**Por Augusto Farias \***

**Um Bispo que vem de longe.** No dia 13 de Fevereiro tomou posse como Arcebispo de Braga D. José Manuel Cordeiro até esta data Bispo de Bragança e Miranda. Braga é a arquidiocese que viu nascer D. António Barroso e o acolheu após a sua morte, e por isso, talvez muito se venha a pedir ao novo arcebispo em ordem ao seu envolvimento na causa da beatificação do nosso bispo missionário.

Sem nunca se terem cruzado na vida, e a um século de distância, há traços que os unem. Angola foi o espaço e o tempo da maturação evangelizadora de D. António Barroso. Aí surgiram as grandes intuições pastorais e eclesiais que serviriam de orientação para toda a sua vida de pastor nas mais diversas circunstâncias a que foi chamado a servir a Igreja em várias partes do mundo. Angola foi o seu primeiro amor. A promoção da juventude e o seu encaminhamento vocacional foram linhas de força da sua atividade missionária.

Em 1967 nasceu no Capolo, Município do Seles em Angola, Misão de Santo António do Dumbi, o José Manuel Garcia Cordeiro.



**«Ele será  
a minha  
bandeira»**

**Por Manuel Vilas Boas \***

A afirmação de D. Manuel Linda, bispo do Porto, aqueceu aquela noite, particularmente fria, de 20 de Novembro de 2021. O bispo diocesano referia-se ao seu antecessor, D. António Barroso, que governou a diocese nortenha de 1899 a 1918.

Em discurso improvisado, D. Manuel Linda começou por referir que «é sua honra pessoal ser sucessor do bispo missionário da mesma diocese que este governou, em tão difíceis tempos, deixando marcas indeléveis da bondade, que caracterizou sempre tão relevante personalidade do Episcopado Português».

Escutado por membros do clero diocesano, por uma representação da família, pela Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Barcelos, pelo Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, pelo Presidente da Junta da freguesia de Remelhe, terra natal de D. António, e por outras entidades, o actual bispo do Porto não deixou de relevar esta figura controversa da Igreja portuguesa nos tempos acesos da implantação da República, que lhe imporia dois dolorosos exílios. Foi manifesta a vontade de D. Manuel Linda de tomar como modelo este servidor da Igreja em tempos de fúria e de ondas al-



**QUIARESMA**  
TEMPO DE CONVERSÃO

Foi batizado nesta Missão pouco antes da chegada dos Sociedade Missionária da Boa Nova aquela Missão. Era em casa do seus pais que o Missionário ia almoçar uma vez por mês quando ia celebrar missa no Capolo. Nos outros domingos os seus pais vinham à Missa à sede da Missão. Na carrinha aberta levavam os seus filhos e a



**Igreja de Nossa Senhora do Cabo, na Ilha de Luanda, primeiro posto de trabalho do padre António Barroso. Foi nomeado pároco da freguesia de Nossa Senhora do Cabo em 2-10-1880, e professor de instrução primária da Ilha em 12-10-1880.**

garotada dos seus funcionários. Era uma festa coletiva. No final da Missa o P. Manuel Fernandes costumava brincar com as crianças e mostrava-lhes o lago onde se criavam tilápias.

Foi no regresso a casa dum desses domingos que o José Manuel, ainda criança, revelou à mãe que um dia queria ser padre como o missionário das barbas da Missão. Coisas de criança, diríamos nós! Infelizmente tiveram que deixar aquela terra e as suas ocupações por causa da guerra. Passados alguns anos, já depois de ter feito o antigo ciclo, interpelou a mãe acerca do seu futuro, quando lhe perguntou se ela ainda se lembrava do que ele tinha dito lá na “nossa Missão”. A mãe já se tinha esquecido. E ele adiantou dizendo

que queria ser padre, como já tinha dito anos antes. A sua santa mãe percebeu e levou-o ao seminário de Vinhais onde iniciou a sua formação sacerdotal. Foi crescendo em sabedoria, graça e responsabilidade, e hoje é o novo arcebispo de Braga.

A origem angolana e missionária está no seu ADN, e aí já regressou várias vezes depois da sua ordenação sacerdotal e episcopal em tarefas importantes: retiros e formação ao clero, congressos, ordenações... Uma mera casualidade?... Ou a inspiração e dinamismo deixado por D. António Barroso continuam presentes na sua



**A igreja mãe da arquidiocese de Braga, nova sede de D. José Cordeiro**

vida? Deus queira que a inspiração missionária do nosso venerável seja uma força mobilizadora do pontificado que agora inicia.

\* O Pe. Augusto Farias, SMBN, trabalhou em Angola durante 40 anos. Iniciou a actividade missionária, em 1971, na Missão do Dúmbi, onde D. José Cordeiro nasceu e foi batizado.

terosas: «Será sempre a minha bandeira, enquanto eu estiver nesta diocese», disse, penhorado, o prelado que não quer que se perca a memória de quem passou «fazendo o bem» quer no interior do sertão africano, na misteriosa Índia e pela bonomia das gentes do Porto. O calor do encontro de admiradores e estudiosos deste sedutor da Missão perpassou ainda pelo “Porto de honra”, contribuindo, assim, para o elevar da temperatura das preocupações pela cultura e pelas figuras da nossa história, tratadas pela Universidade Católica Portuguesa.

## Um colóquio de memória e pensamento

Todo este cenário se abriu no auditório do Paço Episcopal do Porto. Antecedendo a alocução do prelado, a apresentação, por ordem cronológica, de dois livros sobre D. António Barroso. O primeiro



**Fotos de M. Correia Fernandes**

referia-se às comunicações feitas no Colóquio, realizado, no mesmo local, em 7 e 8 de Junho de 2018, intitulado «Entre a Monarquia e a República: os tempos de D. António Barroso no centenário da sua morte (1918-2018)». O livro foi coordenado por Adélio Fernandes Abreu e Luís Carlos do Amaral, da Universidade Católica do Porto e do Centro de Estudos de História Religiosa e apresentado por Eugénio Francisco dos Santos, professor catedrático jubilado da Universidade do Porto. O orador destacou a oportunidade do colóquio, ao tempo, incentivado por D. António Francisco dos Santos, prelado da cidade invicta, desaparecido em 2017. D. António Francisco guardava íntegra devoção à memória do venerável D. António Barroso, também seu antecessor:

O segundo livro: «D. António Barroso: memória e pensamento», coordenado por Amadeu Araújo, vice-postulador da causa de canonização de D. António Barroso, reúne comunicações e artigos de catorze autores, recolhidos desde 2012. Nele se integra o tratamento de algumas cartas (o espólio de correspondência dispersa aproxima-se de um milhar, tendo escapado, milagrosamente, a um incêndio) dirigidas ao missionário dos três continentes e que estão a ser lidas por Margarida Pogarell, professora e escritora infanto-juvenil, com raízes familiares em Remelhe. «D. António Barroso, Memória e Pensamento» foi apresentado pelo professor doutor Luís Carlos Ferreira do Amaral, professor auxiliar e presidente da Comissão de Ética da Universidade do Porto e membro do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica.

A diocese do Porto, o Centro de Estudos de História Religiosa, a Universidade Católica do Porto, a Fundação Voz Portucalense e a Postulação da Causa de Canonização foram as entidades promotoras deste histórico evento.

\* Padre e jornalista da TSF

## Por entre as cartas do missionário Barroso... A saga da família Ferrão de Carvalho Martens



Por **Margarida Pogarell**,  
professora e escritora

**O superior do Colégio das Missões Ultramarinas D. José Maria Martens, que viria a ser também bispo de Bragança e de Portalegre acompanhou a formação do missionário Barroso, em Cernache do Bonjardim. O reconhecimento de António Barroso pelo mestre de saúde frágil.**

Ligeiramente tremida, a letra mantém-se fiel ao correr das linhas. O antigo superior do seminário de Cernache, D. José Maria Martens, bispo de Portalegre, escreve, orgulhoso, em Lisboa, a 5 de fevereiro de 1884, ao padre António Barroso, felicitando-o pela sua próxima elevação à dignidade de cónego da Sé de Luanda, tendo ele recebido a informação antecipada através de Henrique José Reed da Silva, antigo condiscípulo e grande amigo de Barroso, que também seria nomeado a bispo de Moçambique no mesmo

decreto. O conteúdo transpira cuidado, emoção e carinho. Aos seus antigos pupilos, agora a enfrentar as agruras e trabalhos de quem missiona em paragens tão inóspitas, aconselha, afavelmente, persistência e perseverança. Ao missionário de Remelhe pede que não abandone a missão do Congo, mesmo nomeado cónego.

Corria o ano de 1815, quando a 8 de abril, em Lisboa, nasce José Maria da Silva Ferrão de Carvalho Martens. A proveniência de uma família influente, pelo lado materno, de Maria Isabel Brum da Silveira, enraíza-o nas velhas famílias da aristocracia flamenga que povoaram os Açores. O pai, Francisco Roberto da Silva Ferrão de Carvalho Martens, foi desembargador da Casa da Suplicação. O irmão, João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens, seria o influente juriconsulto, político e ministro, conhecido por Martens Ferrão, que também exerceu o cargo de embaixador de Portugal junto da Santa Sé. Negociou a Concordata de 23 de junho de 1886 e resolveu a questão das Missões do Padroado do Oriente, que mantinha o seminário de Cernache no centro das atenções, sanando a tensão diplomática entre Portugal e a Santa Sé.

Ambos pares do Reino, José Maria, por morte, não teve o prazer de ver o sobrinho, homónimo do avô, receber das mãos do rei D. Carlos I, o título de 1.º conde de Martens Ferrão, a 17 de junho de 1892.

Enquanto João Baptista segue a carreira de Direito, José Maria, de-



**José Maria da Silva Ferrão  
de Carvalho Martens.**

cide-se pelos estudos eclesiásticos. Cursa Teologia em Coimbra, onde recebe ordens sacras. Em 1851, é professor de História Eclesiástica, na capital do Reino. No ano seguinte, é nomeado cónego da Sé de Lisboa. Com a abertura do Seminário Patriarcal de Santarém torna-se docente naquele estabelecimento de ensino. Em 1869, é nomeado vigário-geral do bispado de Portalegre.

### **Depois dos Jesuítas, o caminho da hecatombe**

A partir de 1874, enquanto ao advogado é confiada a educação dos príncipes D. Carlos e D. Afonso, ao sacerdote é destinada a direção do Colégio das Missões Ultramarinas. A entrada do padre José Maria como

superior do Colégio das Missões marca uma viragem histórica nesta instituição.

A Companhia de Jesus administra e orienta os estudos até 1871, data em que a Ordem resigna, desgastada pela peleja com o Estado, o proprietário da instituição.

No impasse de uma solução definitiva, o padre António Caetano Vaz Pereira substitui, interinamente, a administração que passa a ser escolhida, bem como o pessoal docente, entre o clero secular e os padres das Missões do Ultramar. A gerência do padre António Caetano, sem grandes ousadias económicas, permite-lhe deixar a casa em boas condições financeiras.

Enquanto superior, o padre José Maria proveu o abastecimento de água ao seminário. A 22 de junho de 1874, obteve da Santa Sé a autorização para a ordenação dos seminaristas, a título de missão, sem constituírem património, o que lhe

granjeou um aumento significativo do número de alunos.

A 10 de outubro de 1876, para acalmar conflitos, após a morte de D. José Luís Alves Feijó, bispo de Miranda e Bragança, o padre José Maria é confirmado bispo daquela diocese, pelo papa Pio IX. Mas numa das suas viagens por Bragança contrai uma pneumonia que o debilitará até ao fim da vida. Pede a renúncia da diocese, que lhe é recusada. Devido à aspereza do clima bragantino, não mais voltará à vasta diocese de Miranda e Bragança, assumindo, à distância, o seu governo até 1883.

### **O sonho impossível de Chelas**

Sob o governo de D. José Maria Martens dá-se a maior catástrofe económica do seminário de Cernache, levando-o quase à sua extinção. O Superior avançou com a ideia de criar uma filial do seminário no

mosteiro de Chelas, propriedade do Estado, após a extinção das Ordens Religiosas, em 1834. As instalações são postas à disposição do Superior de Cernache, por decreto de 30 de setembro de 1880, bem como as suas rendas a partir do ano seguinte. Neste espaço, os alunos passariam a ter componentes de ensino mais práticas, como agronomia e artes e ofícios, combatendo assim as acérrimas críticas a um ensino missionário demasiado teórico, incapaz de fazer frente à “invasão” das missões estrangeiras nos territórios ultramarinos. Foram mal calculados os valores dos rendimentos de Chelas, pelo escrivão da Fazenda, o que reduziu logo a metade os proventos estipulados, bem como os anos em que não foi possível cobrar rendas, somando as despesas das obras de recuperação e adaptação do enorme mosteiro. Com as dívidas agudizadas pela supressão da Bula da Cruzada (apoio estatal às missões), os dois seminários entram em declínio. A casa-mãe, em Cernache, não consegue cobrir as inevitáveis despesas dos dois estabelecimentos. Afogada em dívidas pela hecatombe económica, o espectro da fome e da miséria abateram-se, sem piedade, sobre os residentes do seminário de Cernache. Sem vencimentos para os professores e criados, Cernache decai até ao insustentável.

Restaurada a diocese de Portalegre, para onde D. José Maria é transferido, em 1883, em busca de um clima mais favorável à sua saúde gravemente abalada, continua, no entanto, a presidir aos destinos dos dois seminários, Cernache e Chelas. No ano de 1884, que traria implicações de grande relevância

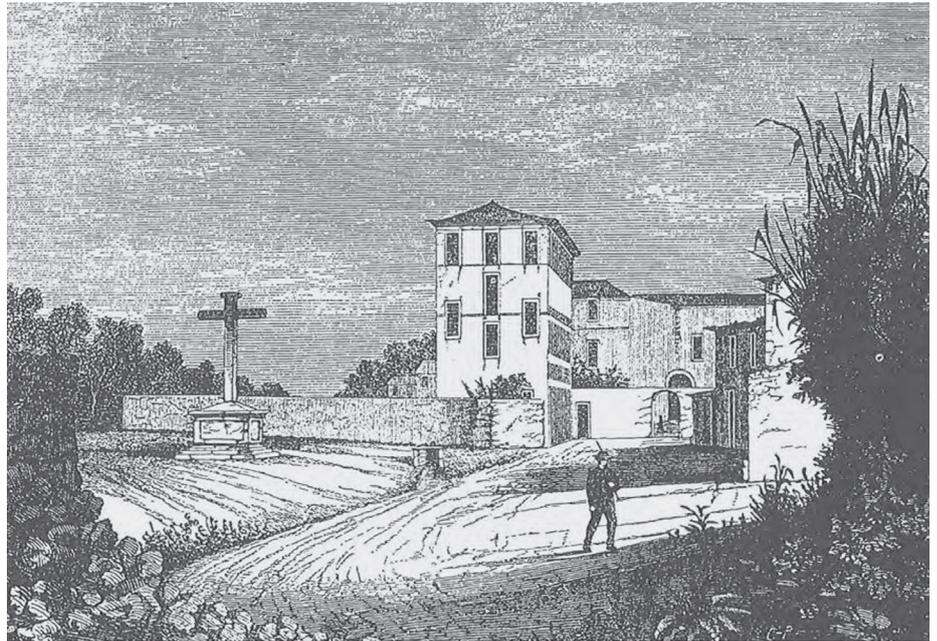


Vale do mosteiro de Chelas, 1809.

na vida missionária em África, com o início da Conferência de Berlim, sob a égide da Alemanha, o Colégio das Missões enfrenta o abismo económico. Em finais de abril de 1884, sem vice-reitor, D. José Maria não vislumbra saída para a grave crise em que se afundara a instituição. Só e amargurado, pede, por fim, a exoneração do cargo de superior do Colégio das Missões. Para trás fica uma instituição desmoralizada e em ruína financeira. Entretanto, D. António Thomás da Silva Leitão e Castro, é nomeado superior interino.

Em 1884, a 13 de julho, D. José Maria faz a entrada solene na diocese de Portalegre. Mas pouco tempo lhe restará de vida. Cinco meses depois, a 20 de novembro, morre, na sua nova diocese, aos 68 anos de vida.

O seminário de inolvidáveis memórias de D. António Barroso, renasce. A situação será salva em tempo oportuno pela clarividência de Manuel Pinheiro Chagas, então Ministro da Marinha, que desejava que Cernache continuasse como vanguarda do exército evangelizador, com a dupla missão: religiosa e patriótica. Decide então abandonar o conforto do gabinete, para visitar o Colégio e estudar a melhor solução. Em 1885, a 31 de maio, toma posse como superior, o cônego Dr. António José Boavida. Será ele o executor das grandes reformas que devolveram a visibilidade e a fama ao Colégio das Missões Ultramarinas. A morte, a 18 de agosto de 1910, poupa-lhe o desgosto de ver soçobrar a obra a que dedicou vinte e cinco anos da sua vida, com o encerramento do Colégio, no dealbar da República.



O mosteiro de Chelas, 1864.

## Onde os percursos se cruzam...

Em 1873, a dois dias de completar 19 anos, António Barroso entra para o Colégio das Missões Ultramarinas, precisamente, na fase marcada pelo vácuo administrativo deixado pela saída da administração jesuíta. À espera da nomeação de um superior, do clero secular, e que demorará cerca de dois anos (1872-1874), o ex-vice-reitor, António Caetano Vaz Pereira, mantém vivos os moldes administrativos e de ensino da Ordem jesuíta cessante. Foi este padre o primeiro Superior que António Barroso conheceu e de quem ainda terá bebido algum do espírito de trabalho impregnado pelos jesuítas, ao longo de uma estadia de dez anos. Barroso manterá uma grande admiração pelo trabalho indefetível da Companhia Jesus.

Em abril de 1874, novos ventos se adivinham com a entrada do padre José Maria Martens para superior do Colégio de Cernache. Ficará nessa missão por dez anos, o que lhe

permitirá acompanhar quase todo o período de formação do jovem seminarista, que decorre entre 1873 e 1879, um período de bonança da instituição.

Proveniente de uma família de poucos recursos, António Barroso é um dos alunos a beneficiar da autorização de 22 de junho de 1874, para a ordenação dos seminaristas a título de missão. A partir de 1876, o novo Superior, condicionado pela doença, elege o seminarista de Remelhe como seu colaborador e nomeia-o prefeito dos alunos. Foi também pelas mãos deste Superior que recebeu as ordenações de subdiácono, diácono e presbítero, em Lisboa, local de residência de D. José Maria Martens, por motivos de saúde.

Mais tarde, já em Angola, António Barroso tomará conhecimento pelo seu amigo Reed da Silva da eminente ruína do seminário.

Alguns historiadores colocam em Chelas a existência de um templo pagão, por onde passava uma antiga estrada romana. No séc. VII é, neste local, erigido um mosteiro sob a

J. B. Meus meus para  
M. de S. S.

Meu querido Barroso do  
C.º escrevo à pressa e se'  
para vos dar felicitações de  
estarde, apresentadi bonego  
de Loanda: conforme arabo  
de assegurar o vosso Henri  
que, o vosso Decreto sera  
assegnado amarchas, assim  
como o d'elle p.º Prelado de  
Mocimbigue com caracteres  
de B.º in partibus.

Estes despachos deveriam  
bem um e outro ser mais  
subidos; mas pelo menos  
passa ao maior, e em todo

o caso eq. D.º dispõe he o  
melhor.

Pero vos q. não  
abandonais o borges q. vós  
tendes comecado a fazer o  
de J. B.º animo, paciencia,  
e oracão.

Abraai os vossos allega-  
tos, meus caros f.º em  
C.º

Eu tenho estado quasi per-  
dido com um estado avemi-  
co quasi confirmado; mas  
D.º temo de vos experi-  
mentar do algum activis-  
mo do C.º

5-2-84.

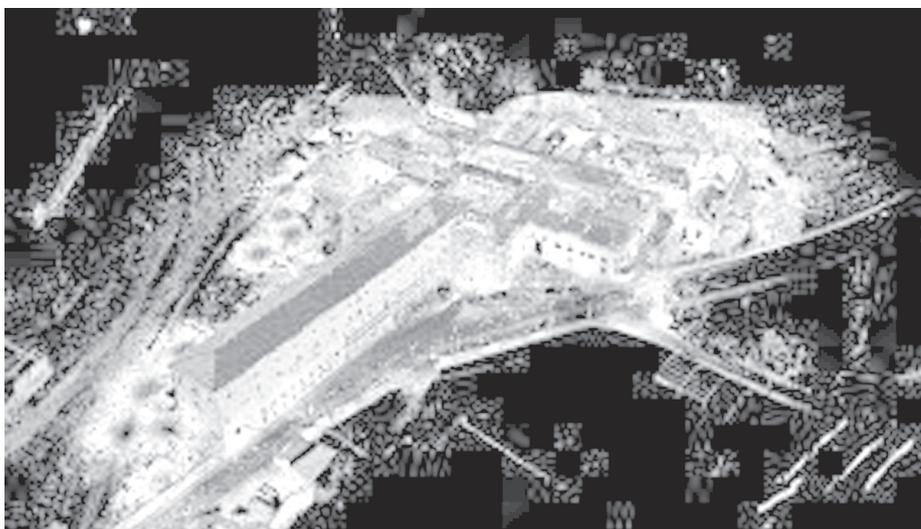
J. M. B.º de Portat.

Carta de D. José Maria Martens, 1884.

invocação de S. Félix e de Santo  
Adrião. Desde D. Afonso Henriques,  
diversos reis foram obreiros de su-  
cessivas reconstruções do mosteiro.

No séc. XVII, o edifício foi habitado  
pelas Cónegas Regrantes de Santo  
Agostinho, a mais antiga ordem de  
clausura, em Lisboa. Em 1755, o

mosteiro sofreu graves danos com  
o terramoto. Em 1834, foi extinto  
às ordens de Joaquim António de  
Aguiar. Na posse do Estado, em  
1880, o complexo de Chelas, foi  
cedido pelo Ministério da Marinha e  
Ultramar, para filial do Colégio das  
Missões de Cernache. Em 1898, por  
detrás da igreja do mosteiro, é cons-  
truída a fábrica de pólvora química  
de Chelas. Em 1923, é transferido  
para aquele monumental edifício o  
depósito de materiais explosivos, o  
Museu Arqueológico do Carmo e  
ainda o Arquivo Geral do Exército,  
onde permanece. Proximamente, o  
Arquivo e a Hemeroteca de Lisboa  
deverão passar também para o mos-  
teiro de Chelas.



Mosteiro e fábrica de pólvora química de Chelas, 1898.

## **De Castro Verde a Remelhe. Um grupo de peregrinos alentejanos visita o túmulo de D. António Barroso**



**Por Luís Miguel Fernandes,  
Pároco de Castro Verde**

No passado dia 26 de Janeiro, um pequeno grupo de paroquianos de Castro Verde, da Diocese de Beja, peregrinou ao túmulo do Venerável D. António Barroso.

A ocasião deu-se ao estabelecer e percorrer uma rota, antes estudada, da santidade de alguns portugueses já reconhecidos pela Igreja, na qual assinalámos Remelhe, onde nasceu, foi exilado e sepultado o heroico e corajoso Bispo do Porto. Estudando a sua vida, dias antes da viagem, o nosso grupo ficou muito impressionado com a vida do Venerável D. António, nomeadamente nas suas missões em Angola e Congo. Naquele ambiente espiritual e humanamente tão difícil, o jovem sacerdote e bispo, conseguiu atrair a Deus muitos corações através da cruz e da enxada, já que, tal como ele dizia, "o missionário deve ser padre e artista, pai e mestre, doutor e homem da terra". Ao mesmo tempo, refletimos como as diversas experiências e contextos pelos quais passou o prepararam para, destemido e sem receios, diante das injustiças da implantação da República, fazer brilhar e resplandecer no seu peito, como expressão da verdadeira fé e do seu generoso sacrifício, a cruz peitoral que ostentava. Sempre fiel, sempre corajoso!

Mas voltemos à nossa viagem. Fomos muito bem recebidos pelo Sr. José Fernandes e um membro da Comissão Fabriqueira que, à hora marcada, nos guiaram até ao túmulo de D. António Barroso. Tudo isto foi possível graças ao Dr. Amadeu Gomes de Araújo que não só estabeleceu os contactos, como também nos enviou vários livros re-

centemente editados para conhecermos mais este santo Prelado. O nosso muito obrigado.

Junto do túmulo do Venerável D. António Barroso fizemos uma pequena celebração da Palavra como a leitura de Mt 10, 16-23, verdadeiramente vivida por D. António Barroso "aquele que se mantiver firme até ao fim será salvo". Meditámos também num excerto da oração fúnebre de D. António proferida pelo Cónego Correia Pinto, realçando as suas virtudes e nomeadamente os seus momentos finais.

Depois de uma breve reflexão do Pe. Luís Fernandes, rezámos a oração própria para pedir a glorificação do venerável Prelado. Visitámos a Igreja paroquial, a capela de S. Tiago - palco das ordenações clandestinas - e ainda, com a boa vontade do proprietário, a casa de infância de D. António Barroso.

Ficámos muito impressionados com tudo o que vimos. Foi um pleno sinal da comunhão dos santos, dos quais já faz parte este santo bispo do Porto. Que ele olhe por todos e também pelo Alentejo, tão necessitado de verdadeiros missionários, como o fez outrora na Sé do Porto, a 2 de Fevereiro de 1908, ao sagrar bispo para Beja, D. Sebastião de Leite Vasconcelos.



**Pe. Luís Fernandes e colaboradores, junto da igreja de Remelhe, após visita ao túmulo de D. António Barroso.**

Quaresma  
oração | jejum | caridade

DA QUARESMA À PÁSCOA  
DOR / MORTE / RESSURREIÇÃO

UCRÂNIA:  
VIOLÊNCIA / DESTRUÇÃO / MORTE



## TRIBUNA DO LEITOR

**Excertos de correspondência que os devotos ou admiradores de D. António Barroso amavelmente nos dirigem. O nosso obrigado.**

– **D. Manuel Clemente** endereçou-nos palavras de esperança: «Esperando que a figura do grande Bispo Missionário seja elevada aos altares, para estímulo de todos na evangelização a prosseguir. (...) No centenário do seu exílio, tive sempre o retrato de D. António Barroso na sala de audiências do paço do Porto».

– **Jorge Domingos Andrade** enviou-nos o assento de casamento dos pais de D. António Barroso, como consta do Arquivo Distrital de Braga:

«Aos vinte e dois dias do mês de Junho do ano de mil oitocentos cinquenta e três anos. Nesta Igreja de Santa Marinha de REMELHE. Depois de corridos os proclames na forma do Concílio Tridentino e Constituição deste Arcebispado de Braga, e não resultando impedimento algum canónico ou civil, assisti ao MATRIMÓNIO que contraíram na minha presença e das testemunhas abaixo assinadas JOSÉ ANTÓNIO DE SOUSA, filho legítimo de (Ana, digo) JOSÉ ANTÓNIO DE SOUSA e de sua mulher ANA JOAQUINA, já falecida, com EUFRÁZIA ROSA DE ARAÚJO, filha legítima de JOAQUIM GOMES BARROSO, e de sua mulher THEREZA DE ARAÚJO, já falecida, todos desta Freguesia de Santa Marinha de REMELHE, por não terem mais impedimento algum lhes assisti ao dito MATRIMÓNIO, estando presentes por Testemunhas, MANOEL JOSÉ SIMÕES do lugar da TORRE DE MOLDES desta mesma Freguesia e o Reverendo REITOR DE SALVADOR DE PEREIRA. E para constar fiz este ASSENTO. "Era ut supra". O Cura MANOEL JOSÉ DOMINGOS. (Assinaturas) MANOEL J. SIMÕES; DIOGO MANOEL ROIZ.»

– **Luís Sá** dirigiu-nos um poema de esperança, com sabor a amêndoas:



### Páscoa! Libertação!

Passagem do mar vermelho  
E de outros mares!  
Passagem da morte à vida  
Motivo para cantares!  
Semeia motivos de alegria  
Faz que alguém sorria  
Dá beleza ao dia  
Rege-te com sabedoria  
Vida para além da pandemia!  
O sol as flores e o Amor  
A música e a poesia  
Sejam tua companhia!



**MORADA DO BOLETIM: RUA DE LUANDA, N.º 480 3.º ESQ. / 2775-369 CARCAVELOS**

**CONTA DO «GRUPO DE AMIGOS DE D. ANTÓNIO BARROSO», na Caixa Geral de Depósitos, Oeiras, para apoio à Causa da Canonização e despesas do Boletim:**

**NIB: 003505420001108153073 IBAN: PT50003505420001108153073 BIC: CGDIPTPL**



Conheça o  
**Venerável D. António Barroso**  
leia  
[www.domantoniobarroso.pt](http://www.domantoniobarroso.pt)